

PAULO FREIRE E AS “40 HORAS DE ANGICOS (RN)” (1963): ENTRE NOVOS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS E A FORMAÇÃO INVENTIVA DO “SUJEITO INACABADO”

*Maria das Graças da Cruz Barbosa**, *Luciana Martins Teixeira dos Santos***,

*Maria Elizete Guimarães Carvalho****

RESUMO

Discutir os paradigmas pedagógicos que resultam da proposta educativa freiriana para as “40 Horas de Angicos (RN)” (1963) é o objetivo deste texto. Mediado pela metodologia da pesquisa bibliográfica e documental, neste trabalho se problematizam os elementos pedagógicos orientadores dessa experiência. A interpretação hermenêutica e a ideia do indivíduo enquanto valor demarcam a perspectiva epistemológica e o método adotado. Autores como Freire (2011) e Lyra (1996), entre outros, contribuíram para a interpretação e o diálogo com as fontes. Os resultados indicam uma pedagogia fundamentada na historicidade de seus participantes e em seu reconhecimento enquanto sujeitos históricos e inacabados. As “40 Horas de Angicos (RN)” apontam novos paradigmas para a historiografia educacional brasileira e para a formação humana, pois se trata de uma pedagogia forjada na/para a vida, fundamentada na criticidade e capacidade ontológica do ser mais freiriano. Questionadora das realidades e inventiva/transformadora dos sujeitos participantes, essa experiência pioneira de

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3330-1988>. Correio eletrônico: gracacruz920@gmail.com.

** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0190-7168>. Correio eletrônico: lucianamartins.teixeira@hotmail.com.

*** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutorado em Política Educativa pela Universidade do Minho (UMINHO-PT). Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8331-837X>. Correio eletrônico: mecarvalho23@yahoo.com.br.

alfabetização de adultos é constituída pelo elemento formativo (auto)biográfico da (re)escrita de si.

Palavras-chave: experiência educacional; formação humana; pedagogia freiriana.

**PAULO FREIRE AND “40 HORAS DE ANGICOS/RN” (1963): AMONG
NEW PEDAGOGICAL PARADIGMS AND THE INVENTIVE DEGREE OF THE
“UNFINISHED SUBJECT”**

ABSTRACT

Discussing the pedagogical paradigms resulting from Freire's educational proposal for “40 Horas de Angicos (RN)” (1963) is the objective of this text. Mediated by the methodology of bibliographical and documental research, the guiding pedagogical elements of this experience are problematized. The hermeneutic interpretation and the idea of the individual as a value define the epistemological perspective and the adopted method. Authors such as Freire (2011) and Lyra (1996), among others, contributed to the interpretation and dialogue with The results the sources. a pedagogy based on the historicity of its participants and their recognition as historical and unfinished subjects. “40 Horas de Angicos (RN)” points to new paradigms for Brazilian educational historiography and for human development, as it is a pedagogy forged in/for life, based on the criticality and ontological capacity of Freire's being more. Reality questioning and participating subjects inventive/transforming, this pioneering experience of adult literacy is constituted by the (auto)biographical formative element of (re)writing oneself.

2

Keywords: educational experience.; human degree. Freire's pedagogy.

**PAULO FREIRE Y LAS “40 HORAS DE ANGICOS (RN)” (1963): ENTRE
LOS NUEVOS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS Y LA FORMACIÓN INVENTIVA DEL
“SUJETO INCONCLUSO”**

RESUMEN

Discutir los paradigmas pedagógicos resultantes de la propuesta educativa de Freire para las “40 Horas de Angicos (RN)” (1963) es el objetivo de este texto. Mediada por la metodología de la investigación bibliográfica y documental, se problematizan los elementos pedagógicos rectores de esa experiencia. La interpretación hermenéutica y la idea del individuo como valor definen la perspectiva epistemológica y el método adoptado. Autores como Freire (2011) y Lyra (1996), entre otros, contribuyeron a la interpretación y el diálogo con las fuentes. Los resultados indican una pedagogía basada en la historicidad de sus participantes y en su reconocimiento como sujetos históricos e inacabados. Las “40 Horas de Angicos (RN)” apuntan a nuevos paradigmas para la historiografía educativa brasileña y para el desarrollo humano, por ser una pedagogía forjada en/para la vida, basada en la criticidad y capacidad ontológica del ser más de Freire. Cuestionando realidades y inventando/transformando los sujetos participantes, esa experiencia pionera de alfabetización de adultos está constituida por el elemento formativo (auto)biográfico de (re)escribirse a sí mismo.

Palabras clave: *experiencia educacional; formación humana.; pedagogía de Freire.*

1 INTRODUÇÃO

Ao colocar em prática no ano de 1963, na cidade de Angicos (RN), seu projeto pioneiro de alfabetização de adultos, Paulo Freire externou sua preocupação com a formação humana, sobretudo, com o humano na formação e com a (trans)formação daquelas histórias de vida marcadas pelo analfabetismo e seus danos, como o atraso social, a pobreza e a manipulação. Tal inquietação é motivada pela compreensão da condição humana dos sujeitos, como analfabetos e inconscientes de suas potencialidades, impossibilitados de assumirem o protagonismo de suas vidas.

Desconstruir essas representações negativas, questionar suas causas/razões e, certamente, o mais importante: (trans)formar a vida das pessoas que se encontravam nessas condições de analfabetismo e subjugação (e todas as implicações pejorativas, acrílicas, exploratórias, negligentes que as acompanham) ganharam força entre 1950 e o início dos anos 1960.

Nesse recorte temporal, o pensamento e a ação em torno da educação, mais especificamente da educação de adultos, passam a ser coletivos, e não apenas institucionalizados pela lei ou políticas. A população, mais esclarecida de si, encontra nos movimentos de educação de base, nos movimentos de educação popular e nas ações de grupos populares da sociedade civil engajada nas causas sociais, o lugar da conscientização e da resistência, espaço que vai reunir pessoas das diversas categorias sociais e intelectuais, como professores, estudantes universitários, políticos, agricultores, empregadas domésticas, encarcerados e o povo em geral.

Ora, esse foi o sentido vislumbrado por Paulo Freire, ao propor transformar a realidade opressora, por meio da educação, em seu significado mais amplo. Ao pensar o ato educativo como lugar de construção/formação do ser humano, de suas ideias e ideais, de (re)elaboração de si e de seus sujeitos, de desenvolvimento da criticidade, de autonomia e empoderamento, Freire elaborou uma pedagogia para e com o homem.

Acerca desse entendimento, Saviani (2013, p. 11) reforça que “[...] sabe-se que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Assim sendo, a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana”. Nesse sentido, a educação, concebida como *locus* formativo do humano e de sua natureza educativa, é, pela (e a partir da) natureza humana, inserida em contextos de interesses e relações de poder, afastando-se, por diversas vezes, dos seus propósitos de melhoria dos seres humanos.

Nessa perspectiva, ao refletirmos sobre a educação, faz-se necessário questionarmos: qual a natureza de sua finalidade? A que interesses atende ou quais repele? Educa quem, por que e para quem? Teriam sido esses questionamentos que atravessaram as ideias de Paulo Freire, quando, no início dos anos sessenta do século XX, elaborou uma metodologia de alfabetização que, em 40 horas, alfabetizaria e, mais que isso, politizaria os moradores da cidade de Angicos (RN)?

Compreendemos que sim, considerando que seu legado de engajamento nas causas sociais dos menos favorecidos, sua produção intelectual e suas experiências na educação popular nos apresentam a inquietude com as injustiças sociais e o comprometimento com a

transformação da realidade, quer fosse através do pensamento/palavra (materializada em sua produção intelectual e escrita), que por meio de sua *práxis* do fazer educação. Em suas palavras, percebemos a preocupação com o déficit escolar, com a qualidade da educação, com um fazer pedagógico que não acolhia os educandos, mas, ao contrário, os expulsava do espaço educacional.

Dessa forma, problematizando a experiência educativa de Angicos (RN) e a partir disso, a pedagogia freiriana, além de realizarmos a operação historiográfica (CERTEAU, 2011) de reconstrução do conhecimento a respeito da história educacional de determinado contexto, considerando os lugares sociais de seus sujeitos e os discursos sobre eles (CERTEAU, 2011), estamos (re)contando e (re)lendo a história e as memórias desse fato educacional marcante na História da Educação do Brasil, como experiência escolar com adultos. Enfatizamos que o trabalho educativo de alfabetização-politização ocorrido naquele período projetou o pensamento/proposta educacional de Paulo Freire e, junto com ele, os moradores/estudantes de Angicos (RN) notabilizaram-se para o mundo. Em meio às injustiças sociais da época, o Movimento de Educação Popular ocorrido em Angicos (RN)¹ vai somar-se na luta pela libertação dos oprimidos.

Tendo sido referência para a época e para além desse momento, a experiência educacional das “40 Horas” é resultante da realidade adversa em que a população angicana estava inserida, havendo de ressaltar que, naquele recorte e conjuntura, as aulas de alfabetização/politização aconteceram à luz de lamparinas, pois ainda não havia energia elétrica na Terra do Pico do Cabugi², entre outros direitos básicos também negligenciados, a exemplo do próprio direito à educação. Naquele cenário, se fôssemos desenhar a pequena cidade de Angicos (RN) para além do visto, teríamos uma narrativa que tocaria as consciências, em virtude das condições miseráveis que envolviam a população.

A experiência educativa freiriana das “40 Horas” utilizou-se do embate efetivo através das ideias, do questionamento e do poder da palavra, de forma que, a partir do universo vocabular angicano, incluindo palavras, como belota, tijolo, povo, dentre outras, além de alfabetizar, ensinava a refletir sobre a realidade e, mais que isso, promovia o movimento dialógico (FREIRE, 2013) das pessoas daquela localidade consigo mesmas, com os outros

¹ Embora tenha sido criada no âmbito da Secretaria de Educação do Estado do RN, e não pelo povo, as “40 Horas de Angicos (RN)” pode ser nomeada como movimento popular, considerando suas características, metodologia utilizada e funcionamento.

² Ponto turístico da localidade, situado na Cordilheira Serra do Cabugi e que, em 2021, ano do centenário de Paulo Freire, ostentou um monumento em homenagem ao estudioso e ao Movimento de Angicos (RN).

sujeitos partícipes desse processo e com as realidades de dificuldade que os circundavam, cotidianamente.

Considerando essas questões, discutimos os aspectos pedagógicos freirianos como novos paradigmas da capacidade inventiva do ser humano, como elementos precursores da educação democrática orientadora da formação de pessoas, parte do processo de (re)escrita de si e afirmação cidadã do sujeito histórico e inacabado, capaz de modificar-se e transgredir para o ser mais freiriano.

Para essa transgressão, utilizamos a metodologia da pesquisa bibliográfica e documental como um ato (e espaço) de rebeldia contra a opressão e, sobretudo, como gesto de cidadania e respeito às memórias e história de um legado de embates em nome da liberdade e da dignidade humana dos angicanos. Reavivamos, para que não seja esquecida, a memória histórica do patrimônio intelectual transmitido por Paulo Freire para a História e, em especial, para a historiografia da Educação Brasileira, em resposta às tentativas de sua desqualificação.

O artigo, além dessas primeiras reflexões e das considerações finais, está organizado em duas seções. A primeira revisita a experiência educacional angicana e os paradigmas freirianos que a orientaram. Em continuidade, a segunda seção discute marcas contextuais daquele momento histórico e alguns resquícios e legados do desenvolvimento do projeto de alfabetização.

2 A PEDAGOGIA DAS “40 HORAS DE ANGICOS (RN)”: PARADIGMAS FREIRIANOS DA FORMAÇÃO INVENTIVA DO SUJEITO INACABADO

O estudo sobre a pedagogia desenvolvida na experiência educacional “40 Horas de Angicos (RN)” remete aos questionamentos realizados inicialmente acerca da finalidade da natureza educativa. Assim, dando continuidade, refletimos: qual a natureza da finalidade educativa das “40 Horas”? Quais paradigmas pedagógicos orientaram essa experiência? Em que sentido contribuiu para a formação humana de seus alfabetizandos? Qual sua importância histórica?

Conforme Carvalho (2018, p. 30, grifo do autor), “[...] as ‘Quarenta Horas de Angicos’ são sempre revisitadas por pesquisadores, estudiosos da educação que desejam compreender e analisar esse acontecimento educacional”. Esse processo de revisitar a história e memórias das “40 Horas de Angicos (RN)” é resultante do próprio movimento historiográfico de releitura dos fatos educacionais que, de alguma forma, marcaram e/ou (re)escreveram a história da

educação. Porque revisitar e reler implicam novas interpretações, novos olhares para o acontecimento, resultando outras narrativas, versões e reflexões.

É por essa razão que “[...] a experiência educacional vivenciada em Angicos faz parte da História e da Memória. Ambas são chamadas para dar seu testemunho” (CARVALHO; BARBOSA, 2014, p. 159). Nesse sentido, as narrativas que envolvem essa proposta educativa são demarcadas pelos relatos de vários sujeitos, ou seja, representam as diversas trajetórias de vida de cada um de seus participantes, o que salienta sua importância histórica. Cada participante vivenciou a experiência de forma única, como indivíduo e como grupo, em um cenário que era comum a todos.

Tratar do trabalho educativo promovido por Paulo Freire (2011) em Angicos (RN) não consiste em abordar uma conjuntura histórica de forma isolada, pelo contrário: significa trazer à tona o contexto e a vida de uma comunidade que ansiava pelo reconhecimento da cultura local e sua afirmação identitária, constituindo-se, também, a representação de outras comunidades naquele período. Angicos (RN), assim como outras cidades do estado do Rio Grande do Norte, no cenário dos anos 1960, apresentava as mesmas características sociais, econômicas, sanitárias, educacionais, ou seja, as fragilidades estruturais se faziam presentes em todos os espaços.

Tal fato não significava que a população não tivesse contribuições e muito a ensinar e a aprender. Sua sabedoria era fomentada pela observação da natureza, pela cultura local e pelo senso comum. Assim, o reconhecimento cultural, vivenciado através das relações culturais e da sabedoria popular dos moradores de Angicos (RN), integrava as dimensões alfabetizadora, politizadora e humana da educação das pessoas adultas naquele momento. A ação alfabetizadora e conscientizadora fomentava um novo processo de compreensão da realidade, que contribuía para a formação humana e a melhoria das condições de vida. Alfabetizar, conscientizar e politizar consistia nas principais contribuições para aqueles educandos, pois, reconhecendo-se em sua cultura e conhecimento cotidiano, se fortaleciam enquanto cidadãos.

Sujeitos alfabetizados no sentido do domínio, com autonomia, do código linguístico da leitura e escrita alfabética e, sobretudo, da capacidade de integrar seus processos de alfabetização à percepção do mundo, teriam condições de compreender o cenário histórico e seu entorno. O aspecto politizador emerge da interpretação crítica de suas realidades e do uso do pensamento e do poder da palavra para transformar seus contextos.

Denominamos de formação inventiva do sujeito inacabado o conceito formativo elaborado por Paulo Freire para a educação das pessoas de Angicos (RN): inventiva, quanto à

capacidade de o ser humano refletir sobre sua própria realidade, percebendo a si mesmo como agente transformador.

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la (FREIRE, 2011, p. 55).

Nesse sentido, a transformação de contextos opressores, que causem sofrimento ao homem e/ou lhe impossibilitem a ação inventiva de criar/elaborar/reelaborar sua trajetória, constitui o sentido principal do processo inventivo do sujeito. Ora, alfabetizados (a partir do reconhecimento e afirmação de suas identidades culturais e raízes históricas) e politizados (pensar e agir crítico diante das realidades de opressão para transformá-las), os educandos de Angicos (RN) teriam à disposição as ferramentas necessárias para dar existência a uma realidade menos injusta e mais igualitária em dignidade e direitos.

O ato da formação inventiva, transformadora dos contextos de opressão, acontece porque somos compreendidos como “[...] seres inacabados, inconclusos *em e com* uma realidade que, sendo histórica, também é igualmente inacabada” (FREIRE, 2011, p. 102). E perceber essa perspectiva do inacabamento do ser humano implica o preparo do sujeito para o *ser mais*, ou seja, o desenvolvimento de sua humanização, resultando no direito de aprimorar suas potencialidades, de pensar a vida ou a sociedade, agir sobre sua realidade, ser protagonista de sua história e de vivenciar seus outros direitos, como o direito de *ser mais* cidadão.

Essa compreensão freiriana do *ser mais* é uma vocação do ser humano e considera a dimensão do homem como sujeito histórico, que transforma e constrói as realidades, significando humanizar-se, no sentido das construções coletivas gestadas no contexto da vida. Em Angicos (RN), as pessoas que participaram da experiência educacional empoderaram-se, foram para além dos seus contextos de opressão, escreveram cartas e entregaram ao Presidente Goulart, por ocasião de sua formatura, sendo relevante observar que o representante da turma, em seu discurso, enfatizou sua condição de povo participante, e não mais de massa amorfa (GADOTTI, 2014). Percebemos, então, que a vocação para o *ser mais* está em construção e que é possível a transformação da massa em povo, pela educação.

Nesse ínterim, Freire (2011, p. 105) nos alerta que a “[...] busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e

oprimidos [...]”. Promover esse desenvolvimento do *ser mais* dos participantes da experiência alfabetizadora de Angicos (RN), sob a premissa da humanização e da liberdade, era a grande finalidade desse experimento educativo.

As “40 Horas de Angicos (RN)” trazem em seu contexto de elaboração características próprias, mesmo sob a égide das políticas reformistas daquele período inicial dos anos de 1960, não refletindo, de certa forma, os movimentos sociais de base propriamente ditos, como, por exemplo, a “Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, em Natal (RN), que fora criada a partir dos anseios do povo pelo direito à educação.

O projeto educativo de Paulo Freire para Angicos (RN) resultou do pedido do governador do estado do Rio Grande do Norte, naquela época, o Sr. Aluizio Alves, que, diante do índice de 70% da população em condição de analfabetismo, impossibilitada do direito ao voto, escolheu sua terra natal para sediar o experimento do projeto alfabetizador, convidando Freire (2011) para planejar e acompanhar a execução da proposta educativa. Salientamos que o colégio eleitoral angicano, na época, contava apenas com 600 (seiscentos) eleitores, dado que reflete as condições educacionais da população, lembrando, também, dos currais eleitorais, pois o direito ao voto consciente ainda não era uma realidade, como ainda não o é em muitas localidades atualmente.

Naquele momento, ainda se desconhecia a dimensão que o projeto pioneiro tomaria e a amplitude de seu alcance (e transformação) na vida das pessoas, a ponto de evidenciar o pequeno município em escala mundial. Afinal, não era apenas uma política de alfabetização de pessoas adultas, mas um novo paradigma educacional, o da liberdade desses educandos adultos, através do ato cognitivo e cognoscente do ler, escrever, mas, sobretudo, do pensar e agir. O Professor Paulo Freire atendeu o convite do governador, porém, com a condição de que a experiência educacional não sofreria interferência política.

A política de alfabetização que acontecia em Angicos (RN), sob a orientação freiriana, permitia pensar a realidade e questioná-la de forma dialógica, tendo como ponto de partida o respeito e a valorização do saber popular, através das palavras ecoadas no universo vocabular (FREIRE, 2011) de seus moradores (como, por exemplo, tijolo, belota, povo, voto, dentre outras), que eram lidas, indagadas, refletidas e ampliadas em seus significados e possibilidades; construindo, assim, um processo dialógico entre o que se lia e o que se vivia (FREIRE, 2011). Eram palavras que ajudavam a pensar, por exemplo, por que o angicano que aprendeu a ler a palavra tijolo, sabia construí-lo, mas não tinha uma casa de tijolos para morar? Essa era a especificidade das aulas de alfabetização que eram, principalmente, aulas

de politização (FREIRE, 2011). Nessas aulas, os participantes aprendiam a dialogar com a realidade e com o outro, mesmo antes de aprender a ler e a escrever. A oralidade era muito importante, desafiadora, conduzindo à reflexão sobre o cenário, sobre os saberes e fazeres da população.

Denominadas pela metodologia freiriana de Círculos de Cultura, as aulas de alfabetização (politização) tornavam-se palavras grávidas de mundo (FREIRE, 2011), pois representavam o conhecimento despretensioso do saber popular (a leitura de mundo) e, para além disso, significavam a gênese do empoderamento daquelas pessoas que, ao pronunciar, escrever e refletir sobre palavras que eram suas, se afirmavam como produtoras de cultura, reconhecendo-se também como sujeitos corresponsáveis por sua transformação.

Dessa forma, o projeto educacional das “40 Horas” representa o “*ethos* freiriano” (FERNANDES, 2014, p. 15) na historiografia educacional brasileira, pois consistiu no projeto educacional em que a pedagogia, como prática da liberdade, encontrou espaço para acontecer, tornando-se *práxis*. Ora, “[...] matar a fome da cabeça [...]” (LYRA, 1996, p. 61), como metáfora do aprender a ser mais, naquele cenário histórico, configurava-se como conscientização, autonomia, direito à educação, gerando o paradigma do inacabamento humano, para além do encher a barriga (LYRA, 1996).

De acordo com Fernandes (2014, p. 14),

Angicos, além de símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil, é marco da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu uma política nacional de educação para uma sociedade democrática com justiça social.

Dessa forma, ao tratarmos das “40 Horas de Angicos (RN)” (1963), tocamos a história das pessoas (que vivenciaram essa experiência), de um lugar, que é social, político, cultural (CERTEAU, 2011) e de memória (NORA, 1993); e seus elementos podem nos contar sobre uma época. Por isso, esse fato não pode ser apagado ou negligenciado, nem pela memória histórica, seus documentos e fontes, nem pela história oral e suas lembranças ou esquecimentos. Afinal, fora um acontecimento histórico que eclodiu na vida dos moradores daquela cidade e faz parte de suas memórias e histórias enquanto sujeitos individuais e coletivos.

Extrapolando a representatividade, as comemorações em memória do centenário do educador pernambucano em 2021 e o alcance de seu pensamento e *práxis* pedagógica, materializados na “Pedagogia do Oprimido”, além de atitude comemorativa, são um ato de

resistência ao cenário de ataques e tentativas de apagamento da memória histórica do patrono da Educação Brasileira, pois, ao comemorar, estamos rememorando, reescrevendo a história da educação, do educador e sua obra.

Ora, a luta contra toda e qualquer forma de opressão, por Freire defendida, continua viva e reavivá-la e rememorar-la são respostas conscientes que podemos oferecer aos abalos vivenciados no Estado Democrático de Direito, os quais impelem para ferir as liberdades e garantias já adquiridas/conquistadas. Por isso, tendo em vista a repercussão dessa experiência educacional na história local, nacional e na vida de seus sujeitos participantes, problematizamos e retomamos esse ideal de liberdade, enquanto pedagogia representativa do legado freiriano e importante para a historiografia educacional brasileira.

3 ANGICOS (RN): VESTÍGIOS HISTORIOGRÁFICOS DE UM CONTEXTO

Marcada por políticas públicas tardias, a educação de adultos esteve, ao longo da história educacional brasileira, ignorada ou mesmo “escanteada” do reconhecimento da garantia legal desse direito. Foi apenas na década de 1940 que esse campo passa a ser alvo de discussões políticas específicas, resultando em seminários e campanhas de combate ao analfabetismo.

Tal situação proporcionou visibilidade ao interesse político pela educação de adultos, chegando o país, nos anos de 1960, ciente de sua tarefa de reduzir o analfabetismo, encontrando, no governo Goulart, abertura para as causas da educação. Ora, nesse momento, o Brasil vivenciava a efervescência social das reformas de base, dos movimentos de cultura e educação popular, que mobilizavam a população para o florescimento dos ideais democráticos de uma educação libertadora. Eram os pressupostos da pedagogia freiriana que se colocavam, tendo em vista os espaços de discussão e interação e de novas ideias e práticas possíveis com a redemocratização do país, pós-Estado Novo.

Considerando esse momento de abertura, a década de 1960 foi cenário para um conjunto de experiências educacionais que programava a erradicação do analfabetismo e o desenvolvimento da consciência social e política dos setores populares. Góes (1991) compara o surgimento dos movimentos do início dos anos de 1960 a uma lenta gestação, que contou com a participação do Governo, de grupos de esquerda marxista e da Igreja Católica.

Segundo Germano (1997), vivíamos um clima de forte movimentação a favor das reformas de base. A região Nordeste testemunhava a mobilização das Ligas Camponesas e

dos Sindicatos Rurais em busca da reforma agrária. No campo da política, partidos reformistas conseguiram espaço no parlamento, políticos de esquerda ocuparam cargos nos governos e nas prefeituras, e a Igreja Católica também passou a se envolver nas questões sociais e políticas do país. No âmbito internacional, acontecia a chamada guerra fria e a revolução socialista de Cuba.

Diante desse contexto de envolvimento e mobilização social, na cidade de Angicos (RN), fora implementada “[...] uma experiência educacional que notabilizou, nacional e internacionalmente, o educador Paulo Freire e sua proposta pedagógica [...]” (FERNANDES, 2014, p. 13), a qual foi responsável por alavancar um novo olhar sobre a educação popular e, principalmente, sobre a educação de adultos.

Localizada no sertão do Rio Grande do Norte, no ano de 1963, a cidade de Angicos (RN) contava com um alto percentual de analfabetos, situação que a colocava em um patamar de atraso, considerando que o analfabetismo era estigmatizado como regressão social. Além do mais, sua população excluída e abandonada sofria com as péssimas condições de vida, em decorrência de problemas ambientais, políticos e sociais.

Relativamente pequena em dimensão geográfica, mas gigante na força de vontade de sua população, que abraçou a proposta da primeira experiência de alfabetização de adultos fundamentada nas concepções epistemológicas, filosóficas e educacionais de Paulo Freire, Angicos (RN) guarda essa experiência como marco histórico, um lugar de memória, que desperta reescrituras e lembranças.

A princípio, foi um projeto-piloto, cujo foco principal era alfabetizar jovens e adultos em quarenta horas para, posteriormente, alfabetizar cerca de cem mil adultos em um período de três anos; ou, como enfatiza Germano (1997, p. 389), “[...] fazer com que os participantes aprendessem a ler e a escrever e, ainda por cima, viessem a se politizar em 40 horas constituíam os objetivos fundamentais da experiência”.

Com base nessa premissa, foi desenvolvido o programa de alfabetização de adultos, baseado na pedagogia de Paulo Freire, no qual as aulas eram ministradas a partir da realidade de vida dos educandos. Assim, a leitura da palavra estava em articulação com a leitura de mundo de cada um.

Para Freire (2011, p. 12), alfabetização e conscientização caminham juntas, propondo “[...] uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. A educação não é um ato neutro, mas político. A proposta de alfabetização desenvolvida por ele se iniciava a

partir da pesquisa do universo vocabular, realizada junto aos educandos, com conversas informais, nas quais eram selecionadas as palavras geradoras^{3*}.

Belota foi a primeira palavra geradora estudada na experiência educacional freiriana e se refere a um enfeite na rede de dormir. Sendo parte do universo vocabular dos alfabetizandos, integrava o conhecimento de mundo daquelas pessoas. Por isso, a expressão *palavra geradora*, porque era gestada e colhida daquela conjuntura social na qual os educandos se reconheciam, pois eram palavras impregnadas pelas representações sociais dos sujeitos, como produtores e detentores de cultura.

Assim, através da palavra belota, por exemplo, os alfabetizandos passavam a conhecer as famílias silábicas do “b”, “l” e do “t” e eram instigados a formar novas palavras, principalmente reafirmando o saber popular, valorizando o conhecimento/leitura de mundo que detinham de suas trajetórias de vida e formação humana, como sujeitos históricos que eram.

Tais palavras geradoras, colhidas no universo vocabular dos alfabetizandos, correspondiam à realidade social daquele grupo e eram trabalhadas nos Círculos de Cultura promovidos com o intuito de discutir o significado político-social do vocábulo escolhido. Nesses momentos, os educandos eram instigados a refletir não apenas sobre a decomposição silábica das palavras, mas também acerca das relações de exclusão e exploração existentes nas entrelinhas de cada palavra geradora, apresentada em forma de imagem e projetada por um retroprojektor.

Dessa forma, as aulas de alfabetização eram precedidas pelas aulas de politização, de modo que, ao discutir nos Círculos de Cultura, o adulto era levado a refletir sobre a dimensão sociológica daquela palavra no contexto em que ele próprio se inseria. Outro exemplo dessa metodologia foi o trabalho realizado com a palavra geradora xique-xique, a qual estava envolvida na discussão dialógica e social sobre o homem sertanejo de Angicos (RN). Através dessa palavra, os alfabetizandos refletiam situações de marginalização social, questionando por que as pessoas ainda precisavam se alimentar desse cacto típico do sertão do Nordeste.

Não era a palavra pela palavra, mas sua posição no mundo e na realidade do homem excluído, marginalizado pela pobreza, seca nordestina e pela condição de analfabeto, pois a alfabetização para Freire (2013, p. 12) significava “[...] aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história [...]”, uma vez que, através do processo de

³ Eram selecionadas palavras simples, mas de grande valor social e político, que receberam a denominação de palavras geradoras; depois de identificadas, essas palavras passavam a ser estudadas através da divisão silábica.

codificação e descodificação, o alfabetizando aprende o caminho para a verdadeira cidadania. Para Freire, o ato de ler e escrever determinava “[...] as possibilidades de o sujeito, consciente do ser produto e produtor de cultura, fazer uso dessa tecnologia (ler e escrever) para agir no e sobre o mundo” (PELANDRÉ, 2014 p. 126). Nesse tocante, o sujeito que não sabe ler e escrever a palavra subjuga-se a acreditar/aceitar as verdades impostas pelos grupos dominantes.

Por essas razões, era premente a necessidade do pensar crítico diante da realidade, para que o indivíduo tivesse a liberdade de agir criticamente e com consciência. A alfabetização e politização eram parte do mesmo processo de aprendizagem das “40 Horas de Angicos (RN)”, e a leitura da palavra estava precedida pela leitura de mundo.

Sobre a questão do desenvolvimento crítico e liberdade de ação e pensamento no Círculo de Cultura, trazemos o exemplo da educadora Giselda (LYRA, 1996), que retrata uma situação em que um de seus educandos comunica que vai desistir de participar das aulas. A educadora, na tentativa de convencê-lo a continuar, realizou a seguinte dinâmica: “[...] desenhou, no quadro-de-giz, dois potes iguais. Em um escreveu a palavra veneno e, no outro, açúcar” (LYRA, 1996, p. 62).

Em seguida, perguntou ao educando se ele aceitaria um copo de café, simbolizando um ato de despedida e, diante da afirmação positiva do educando, a professora (LYRA, 1996) pede que ele escolha um dos potes para adoçar seu café. O educando, então, escolheu o pote onde estava escrita a palavra veneno e, naquele momento, foi explicado que ele, teoricamente, acabara de ser envenenado e, dessa maneira, se o fato fosse real, viria a falecer. Tal exemplo despertou no educando o sentimento de continuar seu processo de alfabetização, para assim preparar-se para os obstáculos de viver em uma sociedade letrada e excludente.

Embasados no exemplo, constatamos o valor da proposta da pedagogia freiriana de promover a conscientização dos/nos educandos, pois, em vez de apenas questionar acerca da importância social da leitura e da escrita, a educadora buscou instigar sua reflexão crítica, mostrando que o acesso à leitura iria contribuir para a melhoria de sua vida.

O testemunho de Lyra (1996) demonstra a importância histórica, social e política desse movimento para a educação de adultos no Brasil. Ora, uma comunidade constituída, em sua grande maioria, por trabalhadores rurais e donas de casa, marginalizados pelo sistema, na qual o analfabetismo era dominante, soube reconhecer a importância da experiência vivenciada. Nesse sentido, Angicos (RN) mostrou ao mundo que era possível alfabetizar muitas pessoas em reduzido espaço de tempo, exemplificando um investimento de baixo

custo em uma política educacional capaz de resgatar os sujeitos das trevas do analfabetismo, e assim, da exclusão social, da chaga da discriminação social, de serem considerados fardos ou peso social, seres sem serventia e que não sabem de nada.

De acordo com Spala (2014, p. 11), “[...] a alfabetização proposta por Freire representou sinal de libertação e transformação”. Mas o que caracteriza a perspectiva da proposta pedagógica freiriana como libertadora? Ora, a pedagogia freiriana está fundamentada na visão de liberdade, como concepção pedagógica, capaz de atribuir sentido a uma prática educativa que propõe alfabetizar, a partir da conscientização, ou seja, da leitura da realidade.

É possível, então, constatarmos esse fato na carta escrita ao Presidente Goulart por uma participante da experiência educacional das “40 horas de Angicos (RN)”:

Senho Presidenti

E neste momento que pego no meu lápis pra lhi comunicar as minhas necessidades. Agora mesmo não sou maça [massa] sou povo e posso esigi [exigir] meus direito. Senho presidenti a gente tem percisão de muita coisa como: reforma agraria escola e que o senho bote as leis da constituição pra fora. [...] (LYRA, 1996, p. 116, apud CARVALHO, 2012, p. 183-184, grifo do autor)^{4}.*

Essa carta, transcrita na íntegra, respeitando o posicionamento das ideias através da escrita, apresenta a força da proposta de alfabetização freiriana, que consiste em despertar a conscientização do ser humano com o objetivo de transformar a sociedade. A alfabetização proposta por Paulo Freire proporcionou aos participantes a oportunidade de analisar a situação política e social do país, bem como sua própria condição de vida, pois,

[...] quando um ex-analfabeto de Angicos, discursando diante do Presidente Goulart, que sempre nos apoiou com entusiasmo, e de sua comitiva, declarou que já não era massa, mas povo, disse mais do que uma frase: afirmou-se conscientemente numa opção. Escolheu a participação decisória, que só o povo tem, e renunciou à demissão emocional das massas. Politizou-se (FREIRE, 1967, p. 119).

Esse processo de politização acontecia de forma que os sujeitos eram chamados a dialogar com seu contexto e, nesse exercício de diálogo, desenvolvia-se, além da alfabetização, a capacidade de indignação diante das dificuldades. Através dessa metodologia, os Círculos de Cultura (aulas) partiam das palavras pesquisadas no universo vocabular da comunidade local, ou seja, consideravam o cotidiano para fazer da alfabetização um ato consciente de questionamento das problemáticas sociais e de luta por direitos.

⁴ Preservamos a grafia original das palavras, conforme a escritura da educanda. Porém, em alguns casos, talvez de mais difícil compreensão, ajustamos tal grafia, colocando esse ajuste entre colchetes.

Ora, o alicerce de sua proposta pedagógica estava em desenvolver a consciência política e ensinar aos participantes seu valor como sujeito, restituindo sua dignidade e reforçando sua função social e histórica no mundo. Ao mesmo tempo que se alfabetizavam, conscientizavam-se os educandos, ensinando-lhes identificar as injustiças sociais e reivindicar seus direitos como cidadãos, de modo que os participantes da iniciativa não se enxergavam mais como massa, mas como povo.

Carvalho (2012, p. 185) explica que “[...] na medida em que os alunos de Angicos se alfabetizavam, também eram politizados. O que demonstra a relevância que o projeto adquiriu na vida das muitas pessoas que dele participaram”. Assim, enquanto aprendiam a ler e escrever, eram conscientizados a problematizar a realidade vivida, agindo em busca de promover as mudanças necessárias a uma existência com dignidade.

Lyra (1996, p. 87), através das memórias dos participantes, reforça a importância do ato de ler e escrever para a manutenção da segurança dos sujeitos, que tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência educacional:

[...] Francisco Dantas contou que seu amigo José Geraldo, de Serra de Santana, estava trabalhando numa fazenda, tirou dezesseis contos e duzentos de saldo. *Aí* foi falar com o patrão que queria *vir embora*. O patrão *foi* e mandou uma carta *pra* ele entregar a um *cara* que ele *tinha de matar gente*, lá. *Aí* quando chegou no caminho, ele leu a carta. *Aí* fez outra, recebeu o dinheiro dele, e *veio embora*.

16

Analisando o caso de seu José Geraldo, percebemos que sua condição de alfabetizado o motivou a ler a carta. A consciência crítica o fez capaz de redigir outro texto para, assim, modificar sua realidade, vista como injusta, violenta e desumana. Ele exerceu sua *práxis libertadora* e tomou consciência de sua capacidade de ação, pois “[...] transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens” (FREIRE, 2013, p. 51).

Assim, percebemos como a alfabetização realizada neste projeto educacional incomodou e ainda incomoda os grupos que estavam/estão no poder: esse *novo homem*, capaz de dizer sua palavra, de mudar sua condição de mundo era/é visto como um obstáculo para o modelo de sociedade imposta pelos grupos dominantes.

Para Freire (2013, p. 52), a *práxis* deve ser entendida como “[...] reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido [...]”, pois é a partir do exercício da palavra, dita e escrita, que emerge o reconhecimento desse novo homem, que não tem medo de transformar seu destino.

Por que se faz necessário rememorar essa história? Porque compreendemos que, através da educação, contribuímos para a formação do ser humano e que, por esta razão, o ato educativo deve ser capaz de formar o educando para combater as desigualdades sociais, preconceitos, racismos, xenofobia, entre outras formas de desumanização, pois o caráter reflexivo-crítico-emancipador da educação contribui para a construção de uma realidade mais justa e humana para todos; é um dos motivos para remormos a história das “40 Horas de Angicos (RN)”.

Nesse sentido, de uma formação pautada na emancipação, para Freire (2011), alfabetizar-se era mais que aprender a ler e escrever palavras, ou bilhetes: significava a transformação da consciência ingênua ou mágica em consciência crítica, de forma que a capacidade de leitura e análise das situações de exclusão da sociedade, a partir das vivências do cotidiano, constituía-se em formas de escrita do mundo, pois essa leitura social da realidade possibilitava a (re)escrita da própria história de vida.

Nesse contexto, a experiência das “40 Horas de Angicos (RN)” é vista/pensada como um ato contra-hegemônico, um embrião revolucionário que formava para a cidadania ativa, gritando por uma mudança radical na sociedade e na política brasileira, tornando-se um legado na maneira de planejar e aplicar programas e políticas para a alfabetização de adultos no Brasil e no mundo.

4 CONCLUSÃO

Diante da tentativa de manipulação da memória do legado freiriano, seu enfraquecimento e/ou deslegitimação por parte do último governo (2019-2022), realizou-se, no ano de 2021, o centenário de Paulo Freire, educador pernambucano, agraciado com o título de Patrono da Educação Brasileira, considerado o brasileiro mais homenageado no mundo, ganhador de vários títulos de *Doctor Honoris Causa*.

A iniciativa, promovida por diversas instituições (entre universidades, faculdades, movimentos estudantis e sindicais e outros órgãos da sociedade) abre espaço para a visibilidade do educador brasileiro e a instituição de novos paradigmas educacionais, possibilitando a rememoração, a releitura e a atualização de sua obra e *práxis*, entre as quais, a experiência educacional vivenciada em Angicos (RN).

Seu pensamento é debatido em escolas e universidades espalhadas pelo mundo, que comungam com sua proposta de uma educação libertadora, que enxerga o sujeito em uma

perspectiva de ser mais; e sua pedagogia passa a ser objeto de estudo, reflexão e visibilidade em disciplinas, artigos, livros, seminários e eventos acadêmicos. Assim, a discussão em torno da experiência educacional das “40 Horas de Angicos (RN)” é transpassada pelo reconhecimento do legado freiriano.

Ao rememorar a primeira experiência de educação de adultos desenvolvida por Paulo Freire na cidade de Angicos (RN), apresentando aos leitores a transformação social que essa experiência promoveu em seus participantes, constatamos que Freire (2013) foi responsável por desenvolver uma metodologia de ensino alicerçada na liberdade de expressão, do pensar e do agir, cuja finalidade é a emancipação dos sujeitos, frente às condições de opressão e injustiça social, corroborando o estímulo à reflexão entre seus pares. Inseriu, na discussão social e política do país, em larga escala, dentro do cenário de 1963, pessoas antes excluídas e marginalizadas, fato que estremeceu a classe dominante, que se mostrou temerosa frente à possibilidade de transformação do *statu quo* daquelas pessoas de Angicos (RN).

Freire (2013) esteve preocupado com os problemas sociais e educacionais, sobretudo em pensar a educação como um ato político, responsável por contribuir para a transformação da realidade dos sujeitos. Deixou um legado de amor, respeito, tolerância e ação social para a educação brasileira e ensinou aos educadores a enxergarem seus educandos, levando em consideração sua realidade social e, também, que a relação entre os seres humanos deve ser pautada pelo respeito e pela solidariedade; ressaltou ainda o papel do educador na formação de sujeitos crítico-reflexivos, para que consigam compreender os problemas sociais e assim romper o processo de alienação e respeitar as diferenças.

Freire (2011) pensou/teorizou a educação como um meio de libertação da opressão vivida; um processo alfabetizador em que a palavra tijolo, por exemplo, ao mesmo tempo que alfabetizava, através das famílias silábicas, permitia análises sociais e posicionamentos políticos dos alunos, permitindo-lhes refletir sobre as condições de vida e moradia a que estavam submetidos.

A pedagogia freiriana representava o respaldo na conscientização dialógica entre a pessoa e sua realidade, promovendo a leitura não apenas da palavra, mas também seu lugar em seu contexto, fosse excludente, fosse de firmação da identidade, pois se ensinava a ler a partir do universo vocabular do educando, ou seja, com as palavras colhidas das situações cotidianas.

É nesse sentido que as “40 Horas de Angicos (RN)” representam um novo paradigma pedagógico, pois, a partir de uma alfabetização gestada na vida, na cultura e na palavra

daqueles sujeitos, a proposta de Freire (2013) permitiu a afirmação e reinvenção da história de vida de cada participante. Por isso, nós a consideramos um novo paradigma da formação inventiva do sujeito inacabado, por intermediar a possibilidade de aprender, sonhar, reinventar-se e reescrever suas histórias.

A proposta de alfabetização conscientizadora freiriana constitui-se em uma pedagogia do empoderamento, pois pretendeu desprender as pessoas das relações educacionais submissas, de modo que, educar-se ou alfabetizar-se era uma forma de luta por essa libertação. Assim, a pedagogia freiriana, ao propor a *práxis* educacional pautada pela indignação e comprometimento do ser humano diante de situações de opressão, defendeu que a libertação do sujeito frente às injustiças também é tarefa da educação/alfabetização questionadora da realidade.

Nessa perspectiva, e passados sessenta anos, a “Escola de Paulo Freire”, como a experiência ficou conhecida pela população de Angicos (RN), ainda marca as memórias daqueles que a vivenciarem ou daqueles que, por tabela, continuam a narrar e a reescrevê-la.

REFERÊNCIAS

19

CARVALHO, M. E. G. Alfabetizando jovens e adultos em 40 horas: quando a memória se faz história (Angicos/RN, 1963). *In*: MEDEIROS, L. G. B.; QUEIROGA, M. do S. N.; CARVALHO, M. E. G. (org.). **Educação e direitos humanos**: interfaces. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

CARVALHO, M. E. G. BARBOSA, M. das G. da C. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos-Angicos (RN), 1963. *In*: GADOTTI, M. (org.). **Alfabetizar e conscientizar**: Paulo Freire. 1. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014. p. 146-162.

CARVALHO, M. E. G. Quarenta Horas de Angicos: uma experiência educacional, um lugar de memória? *In*: LOPES, E. J.; AMORIM, R. M. de (org.). **Paulo Freire**: culturas, ética e subjetividade no ensinar e aprender. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FERNANDES, F. das C. Brasil celebra os 50 anos de Angicos. *In*: GADOTTI, M. (org.). **Alfabetizar e conscientizar**: Paulo Freire. 1 ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014. p. 13-19.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. Alfabetizar e politizar: Angicos, 50 anos depois. **Foro de Educación**, [S. l.], v. 12, n. 16, jan./jun. 2014.

GERMANO, J. W. As quarenta horas de Angicos. **Educação & Sociedade**, [S. l.], ano 18, n. 59, ago. 1997.

GÓES, M. **De pé no chão também se aprende a ler**: 1961-64: uma escola democrática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. Disponível em: http://dhnet.org.br/educar/penochao/livro_moacyr_de_pe_no_chao_1980.pdf. Acesso em: 10 mar. 2015.

LYRA, C. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira em educação. São Paulo: Cortez. 1996.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, PUC/SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PELANDRÉ, N. L. Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois. *In*: GADOTTI, Moacir (org.). **Alfabetizar e conscientizar**: Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SPALA, F. T. Paulo Freire: a pedagogia referenciada na vida. **Revista Teias**, [S. l.], v. 15, n. 38, p. 6-17, 2014.

Recebido em: 30 jul. 2023.

Aceito em: 15 set. 2023.